

## CARTA AOS AUTORES: ENTRELAÇAMENTOS ENTRE BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS, MILTON JOSÉ DE ALMEIDA E DIDI-HUBERMAN

LETTER TO THE AUTHORS: INTERWEAVING BETWEEN BOAVENTURA DE SOUZA SANTOS, MILTON JOSÉ DE ALMEIDA AND DIDI-HUBERMAN

Thais Leonardo dos Santos

**RESUMO:** Um ensaio que aconteceu em meio a um semestre muito diferente. Aulas tiveram seu formato modificado, a possibilidade de estarmos juntas, juntos e juntas foi alterada drasticamente e a distância tem sido nossa maneira de nos proteger da pandemia de COVID19. Em distanciamento escrevo um trabalho em forma de cartas. Cartas endereçadas a três autores -Milton José de Almeida, Boaventura de Sousa Santos e Didi-Huberman - que fizeram parte de nossa caminhada durante a disciplina de epistemologia I no curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos. A partir dos textos estudados na disciplina busquei tecer, em meio as perspectivas apresentadas, maneiras de compreender melhor as concepções epistemológicas e de pesquisa apresentadas durante as aulas e seus entrelaçamentos com inquietações educacionais e cotidianas.

**Palavras-chave:** Epistemologia; Educação

**ABSTRACT:** An essay that happened in the middle of a very different semester. Classes had their structured modified, the possibility of us being together was drastically changed and distance has been our way of protecting ourselves from the COVID 19 pandemic. I write this text in letters, isolated. Letters addressed to Milton José de Almeida, Boaventura de Sousa Santos and Didi-Huberman - authors that were side by side with us during the discipline Epistemology I on the masters of Education - Universidade Federal de São Carlos. From the materials studied during the discipline, I tried to draw, among the presented perspectives, ways of a better comprehension of epistemologic conceptions and research presented during classes and the web of their restlessness.

**Keywords:** Epistemology; Education.

Americana, 09 de dezembro de 2020

Boa Tarde,

Escrevo a vocês para poder pensar e refletir sobre vocês. Estamos passando por um momento de imensas adaptações e incontáveis tristezas. A necessidade de mudar, de reinventar e de se readaptar (ou não) se apresentou a partir da tristeza e desolação da pandemia de COVID19. Tudo já seria extremamente trágico: as perdas, os lutos, o distanciamento, enfim, a dor como paisagem cotidiana. Mas, para além do vírus, nacionalmente ainda enfrentamos um desgoverno que nos submete a situações de perplexidade frente a barbárie. Aparentemente o descaso e a incompetência é premissa fundante daqueles que deveriam orientar o país em meio a crueldade do vírus. Neste momento em que somos confrontadas/os com sentimentos tão diversos, pensei em vocês e nas aulas em que fui apresentada a alguns de seus escritos. Vocês me parecem ser o inventar possível de espaços de trocas mais sensíveis, compartilhando práticas e saberes que se relacionam com as possibilidades de entrelaçamento da arte e a educação – assuntos que memovimentam muito.

Milton, espero que se lembre de mim, pois já tivemos “conversas” interessantíssimas durante a escrita do meu TCC, da Iniciação científica e agora durante esse novo percurso que é o mestrado. Gosto de pensar que percorremos caminhos, compartilhando anseios e descobertas, lado a lado, desbravando as imagens ao mesmo tempo que éramos desbravados por ela. Com você aprendi sobre imagem agente, intervalo significativo, conheci a Cappella degli Scrovegni e a sala dos nove – Palazzo Pubblico, depois dessa experiência passei a viver o cinema com olhar reinventado. Você fez o inimaginável e fez com que tivéssemos contato com o inesperado (eu e as pessoas que tiverem a oportunidade de te “ler”). Outro motivo que fez com que nos aproximássemos, foi sua relação muito próxima com uma pessoa pela qual tenho um apreço imenso, o professor/(des)orientador Alan. Ler o “Cinema arte da memória”, era poder conhecer um pouco mais dessa pessoa que tenho tanta admiração e, compreender de onde vem tanto cuidado com as palavras e com a forma sensível de enxergar as imagens e a educação. Você é um autor do sul – tal qual escreve Boaventura – e que belíssimo trabalho faz por essas bandas de cá.

Boaventura, apesar de termos uma relação de menor proximidade, uma vez que você não apareceu em meus estudos, penso que independente dessa relação de produção, tive imensa curiosidade em saber sobre você e li alguns de seus escritos, inclusive gostaria que soubesse que uma das frases escrita por você fez muito barulho em meu interior, reproduzi-la-ei aqui:

(...) temos o direito a ser iguais quando a nossa diferença nos inferioriza; e temos o direito a ser diferentes quando a nossa igualdade nos descaracteriza. Daí a necessidade de uma igualdade que reconheça as diferenças e de uma diferença que não produza, alimente ou reproduza as desigualdades (SANTOS, 2003, p. 56).

Esse pequeno trecho fez com que surgisse em mim grande vontade de conhecê-lo – e por isso dessa carta endereçada a você também. Uns tempos atrás fiquei sabendo que um professor pela qual nutro gigantesco carinho chamado Luiz, atuou, em 2016, como Investigador Visitante no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, no qual você é Diretor. Ele foi o primeiro professor com quem tive aula quando ingressei no curso de Educação Física, na UFSCar. Pouco tempo depois passei a integrar seu grupo de estudo e o projeto de extensão chamado Vivências em atividades diversificadas de Lazer – nosso querido VADL, que ele é responsável – e, tive minha vida modificada por essa experiência. Sou imensamente grata por esse professor tão afetuoso e generoso. E, agora, a você que me faz enxergar os valores do sul.

Didi-Huberman, você foi um dos que se apresentou durante o caminho, estava andando e senti a necessidade de ter alguém como você na vida, seus textos, o olhar que atravessa, as frases que desassossegam, a possibilidade do improvável e a dificuldade de leitura de suas palavras tão únicas e tão intensas. Não sei se consigo demonstrar o quanto você se faz em presença, de maneira a transbordar em espaços que me são desconhecidos. O assombro e a surpresa me tomam quando, depois de te ler, sinto como emergindo de águas desconhecidas, a respiração retorna aos poucos, mas ainda não sou capaz de nomear as sensações – talvez nunca consiga e, essa é a magia, o abrupto e impremeditado. Você rompe por entre frestas, espaços ainda não habitados, você tem sido, em minha vida, essa explosão de caos.

Essa primeira carta é apenas para que entendam o porquê senti imensa vontade de escrever a vocês nesse momento. Espero que seja possível entrelaçar alguns textos, percepções, sensações, entendimentos e aprendizados. Amanhã escreverei novamente.

Abraços, Thaís

---

Americana, 10 de dezembro de 2020

Boa noite,

Hoje fiquei pensando em algumas coisas, e recorri a vocês para acalmar o alvoroço causado pelo pensar. Hoje pensei em Educação. Para além disso, pensei em educação nesse momento tão difícil. Pensei em educação como possibilidade de criação e imaginação. Criação que se insira na construção da individualidade, que permita a busca pelo outro, construção que produz coletividade e coletividade que produz individualidades, uma agindo e reagindo sobre a outra, existindo e coexistindo como experiências que afetam as sensações. Pensei nas possibilidades de des-orientar o olhar e imaginar o inimaginável. Não sei ao certo se essas são as colocações iniciais dessa carta, ou se surgiram enquanto escrevia esse parágrafo. Para ser sincera, o que me importa é que surgiram e estão movimentando a escrita nesse momento.

Queria compartilhar com vocês o que pensei sobre educação, escola e estudantes. Sabe, me recuso a chamar de “alunos” aqueles que partilham comigo momentos tão bonitos. Momentos de leveza em meio a tristeza. Mesmo quando aquelas pessoas, que estão nesse momento atrás da tela, ficam em silêncio. O silêncio compartilhado também me enche de alegria, o silêncio pode significar tantas coisas, gosto de acreditar que os silêncios são preenchidos por invenções e imaginações. Penso nas possibilidades que podemos dispor para deixar de homogeneizar as/os estudantes, sendo que uma maneira é justamente estimular o desenvolvimento imaginativo das pessoas que estão envolvidas no processo de ensino-aprendizagem, educando, se educação e educando (uns aos) outros, de forma a superar e/ou significar os obstáculos epistemológicos e pedagógicos da normativa escolar.

Depois de escrever esse parágrafo, pensei nas manifestações artísticas e nos textos de dois de vocês – Milton e Didi-Huberman. Pensei na arte e a possibilidade de desenvolver a cidadania, a capacidade crítica, o desenvolvimento pessoal e a relação de tudo isso com a educação ou deixando mais claro, a relação possível entre arte e educação. (Olha eu aqui imaginando de novo!). Didi-Huberman, no seu livro “Atlas ou a Gaia Ciência Inquieta” tem uma frase que aparece e reaparece por diversos momentos no texto, ela diz o seguinte: “Ler o que nunca foi escrito”, tão bonita e tão potente. Durante a aula de epistemologia fiquei sabendo que essa é uma frase de Walter Benjamin, e a frase me remeteu também ao seu livro Milton “Cinema a arte da memória”, explicarei o porquê dessas relações.

Costumamos ter hábitos mentais, formas recorrentes do pensamento que costumadamente permitem que você chegue à determinada conclusão. São na verdade, hábitos de raciocínio e formas de raciocínio. E, tão habituados/as a nos esconder atrás desses pensamentos, não percebemos formas de ousar inventar. Inventar com as diferenças e o improvável. Assim, quando a frase ler o que nunca foi escrito surge, ela quase pisca – confesso que no meu livro ela pisca de verdade pois a grifei com um laranja neon. E, no seu livro Milton, essa frase se faz em presença, na

forma como relacionou a *Cappella degli Scrovegni* e o cinema. De uma maneira que me faz pensar o impensável, imaginar o nunca imaginado. Descrevo uma passagem do livro que diz:

No cinema, você senta, o seu olhar fixa-se na tela e as imagens farão, por você, os movimentos que seu corpo e seu olhar fariam se você tivesse que realmente movimentar-se para ver tudo o que o filme mostra: voar, penetrar no solo, chegar perto, distanciar-se, e assim por diante. As câmeras filmaram o que o diretor do filme quis, o projetor do cinema joga-as na tela, para você seguir o olhar do filme como se fosse o seu. Na *Cappella degli Scrovegni*, seu corpo deverá andar, seu olhar traçar linhas de visão. Você estará numa certa claridade, a luz das imagens não virão da projeção da tela, você não estará na noite escura e urbana da sala do cinema. Na Cappella você precisará agir para ver (ALMEIDA, 1999, p. 25).

Essa relação quase inconcebível me transporta, me faz suspirar e inventar o caminhar. O corpo quase que sentindo o azul da Cappella somado ao cheiro de pipoca e as poltronas reclináveis. Uma mistura improvável que você, Milton, fez com maestria. Imagino esse processo de criação, tal qual a mesa de trabalho de Didi-Huberman (DIDI-HUBERMAN, 2003). Tudo sobre a mesa, o cinema, as obras de arte, a Cappella, a sala dos nove, sentimentos, sensações, olhares, palavra imagem, movimento, imagens em momento, o movimento para criação de imagens, inseguranças, enfim, tudo exposto, em cima da mesa, como que sendo interligados por linhas invisíveis. Sentidos sendo criados à medida que as linhas se deslocam de um lado a outro, um imenso labirinto, uma teia... uma constelação. Que bonito trabalhar com o inventar, esse inventar que recheia esses dias tristes com possibilidades. História das imagens com as próprias imagens. Passar por infinitas trajetórias para estabelecer pontos de conexão – conexões que também são infinitas. Tudo isso como uma mesa de trabalho, apresentada por você, Didi-Huberman. Vislumbrando a possibilidade de inventar outras vivências educacionais.

Por hoje, encerro nossa carta por aqui. A noite está se apresentando cada vez mais clara, parece que vai chover, preciso arrumar algumas coisas por aqui, esse estar sempre em casa acaba confundindo minha percepção de tempo e espaço, e as funções que preciso exercerem espaços distintos que agora são os mesmos. Engraçado pensar como esse espaço que chamo de lar se transformou e me transformou.

Grande abraço, Thaís

---

Americana, 11 de dezembro de 2020

Bom dia,

Começo essa carta a vocês com a pergunta que me intriga. Como estar na escola semestar na escola? Conseguiremos criar ambientes que propiciem a produção de sentido e significado a partir da experimentação de sensações de nuances, palavras, cores, sons e imagens? Com que frequência observamos as sensações que acontecem dentro de nós mesmas/os? Qual intensidade desses momentos e dessas sensações? De que forma nos permitimos olhar? E, como esses olhares reverberam em sensações que estão/são externas a nós? Perguntas como devaneios, que buscam, não responder, mas (des)orientar a travessia entre possibilidades. Talvez, inclusive,

perguntas sem respostas, que serão sentidas de maneiras diferentes, dependendo de quem lê e em quem momento lê.

Em distanciamento, e em um formato remoto, penso que faz -se urgente ou, ao menos desejável, subverter as plataformas online, criando possibilidades do sensível a partir (e com) as imagens e sons – nesse momento somos imagem e som para aquelas e aqueles que vivenciam conosco a novidade das aulas remotas. Imaginando como será se (re)conhecer sem ter que apoiar-se nos processos de ensino/aprendizagem que, eventualmente, nos cristalizam em pontos fixos e inibem nossa possibilidade de (nos) inventar.

Pensando no outro, não como aquele que não sou eu. No intervalo entre o eu e o outro, essa fresta que nos permite inventar, respeitar, valorizar e reconhecer o que somos nós. Tantos outros e tantos eus. Buscando nos relacionar em um território que não é fixo encontrando formas de nos reconhecer em território fluido. E, justamente, a partir desse ponto, buscar compreender de que maneira podemos vivenciar a escola sem frequentar os espaços institucionais, estar longe dos muros da escola e perto das telas que tomaram conta de nossas vidas. Estar lá, estando aqui.

Foram parágrafos intensos, desalinhei a estrutura do meu pensar. Recorro então a vocês, coloquei na mesa todas as inquietações para que possamos, juntos, tentar fazer as linhas invisíveis se conectarem caoticamente. Observando a mesa de trabalho, pensei em você, Boaventura, e a ecologia dos saberes se contrapondo ao pensamento abissal que carrega consigo a ideia de abismo intransponível.

Consiste num sistema de distinções visíveis e invisíveis, sendo que estas últimas fundamentam as primeiras. As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o “destelado da linha” e o “do outro lado da linha”. A divisão é tal que “o outro lado da linha” desaparece como realidade e, torna-se inexistente e é mesmo produzido como inexistente (SANTOS, 2007, p. 71).

Nesse seu texto, que lemos e discutimos na disciplina, você constrói uma linha de raciocínio muito interessante, que nos leva a pensar em processos de apropriação e violência. Não se destrói o outro, mas destrói a universalidade. Assim, legitimando o saber de várias racionalidades possíveis. Agora quando pensamos na Ecologia dos Saberes, que entendo como capaz de promover um pouco de acalento frente as tantas questões que apresentei no início da carta, ela envolve elaboração ética e estética. Como possibilidade de achar outras coisas bonitas e desejáveis. Conhecer e se reconhecer no outro e na diferença.

Durante a leitura de seu texto, fiz algumas anotações que compartilho nesse momento, porque elas também desestabilizam as estruturas, e – relendo agora – auxiliam a pensar nas questões educacionais que surgiram durante a escrita. Durante seu texto pensei nas maneiras de compreender o que para nós não existe. Tentando entender de que forma é viável comunicar algo pela qual não temos códigos que deem a este algo algum significado. Se aprendemos, ensinamos e nos comunicando por determinados códigos, precisamos entender e aprender com tudo aquilo que não respeita esses códigos, ou dito de outra forma, aprender com filosofias que compartilham de códigos inimagináveis. Buscando assim, imaginar o inimaginável. Escutar barulhos que para nós são silêncios. Mais uma vez o “ler o que nunca foi escrito”.



Essas palavras ressoam em meu interior durante leitura do texto de maneira mais ampla, contudo, há uma especificidade em um dos parágrafos que fomentou de maneira decisiva a forma como foi concepta, me permito transcrevê-lo aqui:

As profundas diferenças entre saberes levantam a questão da incomensurabilidade, questão utilizada pela epistemologia abissal para desacreditar a mera possibilidade de uma ecologia de saberes. Um exemplo ajuda a ilustrar essa questão. Será possível estabelecer um diálogo entre a filosofia ocidental e a filosofia africana? (...) Essas perspectivas se vêem freqüentemente confrontadas com os problemas da incomensurabilidade, da incompatibilidade e da ininteligibilidade recíprocas, os quais procuram resolver explorando formas de complementaridade. Tudo depende do uso de procedimentos adequados de tradução intercultural, mediante os quais é possível identificar preocupações comuns e aproximações complementares, assim como, está claro, contradições intransponíveis (SANTOS, 2007, p. 91)

Precisarei de mais tempo para pensar em considerações sobre tantas inquietações, seguirei na próxima carta a partir de tudo que está fervescente dentro de mim. Espero encontrá-los bem. Por aqui, faz chuva. Chuva que anuvia meu olhar e me enche de incertezas. Tantas perguntas... um caminho que se apresenta como águas turvas, tenho conseguido identificar algumas coisas que podem se transformar à medida que me aproximo.

Abraços, Thaís

Americana, 13 de dezembro de 2020

Boa tarde,

Entre uma carta e outra, entrei em contato com o querido professor Luiz, contei sobre as cartas que estava enviando a vocês e pedi que ele me contasse um pouco dos dias que esteve com você, Boaventura. O professor prontamente relatou momentos muito interessantes, por isso, nessa carta falarei desse relato e buscarei estabelecer conexões com o texto lido em disciplina.

Luiz me contou que, em 2016, atuou como Investigador Visitante no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra e assistiu todas as suas aulas. Inclusive me disse que você é um autêntico MESTRE (assim, em maiúscula mesmo, em tempos de pandemia meu contato com o professor Luiz precisou ser por e-mail). Contou também que vocês realizavam reuniões científicas em que, generosamente, você o ajudou a avançar em suas investigações. Relatou que, conversavam também sobre informalidades sempre que possível, especialmente nos jantares no Restaurante Casarão. Esse restaurante é do Carlos, seu amigo de infância, e ele sempre esperava um grande grupo de Professores/as e Estudantes após as aulas ministradas por você. Nesses jantares a comida era sempre portuguesa, boa parte inclusive da cozinha tradicional. Bom vinho e opção de água ou suco para aqueles/as que não bebiam bebidas alcoólicas. Coca-cola, nem pensar, era proibido! Fast Food também. A mesa vocês conversavam com todos/as, bebiam, saboreavam os pratos, alguns inusitados para boa parte das pessoas, como Lampreia, que só mesmo uns poucos conheciam.

Quer seja nas aulas, nos corredores do CES ou no restaurante, Luiz informou que você era sempre muito atento, escutava as pessoas e as atendia dentro do possível. Muito ocupado, intelectual incansável, criativo, humanista. As conversas e reuniões

no CES eram mais objetivas, devido ao cuidado com as teorias, os referenciais, as epistemologias. No Casarão mais descontraídas, muitas risadas, piadas, brincadeiras, tragos... Teve um grupo de pessoas que fez até uma música relacionada às Epistemologias do Sul e Ecologia de Saberes, e vire e mexe, cantavam e tocavam em algum jantar.

Me disse algo bem inusitado sobre um livro seu bastante diferente para um Pesquisador, o Rap Global, onde encarna um Rapper, o Queni N. S. L. Oeste, e em evento no Teatro Gil Vicente, da UC, você deu uma palhinha com outros Rappers.

Essas histórias contadas com tanto cuidado pelo Professor Luiz me fizeram pensar ainda mais nos seus escritos, me entusiasmaram e encheram de alegria o fim de semana chuvoso – adoro dias chuvosos. Todo o cuidado com as pessoas reflete de forma intensa na maneira como escreve e elabora suas ideias. A Ecologia de Saberes tem muito disso, né?

Você, no texto lido na disciplina, escreve sobre pensamento o pós-abissal como uma forma de aprender com o Sul, usando uma epistemologia do sul que confronta a monocultura da ciência moderna a partir do reconhecimento da pluralidade de conhecimentos heterogêneos. “A ecologia de saberes se baseia na ideia de que o conhecimento é interconhecimento” (SANTOS, 2007, p. 85). Quando o professor Luiz conta sobre as conversas pessoas distintas, o potente diálogo que transforma aquelas e aqueles que dele participam, enxergo muito dessa pluralidade que você escreve. Pessoas de várias partes do mundo compartilhando conhecimentos e aprendizados. E porque não dizer, a conexão entre o que está sendo aprendido e o que está sendo esquecido.

Me alegra muito ter a oportunidade de saber de você a partir de alguém que conviveu por um período de tempo em sua companhia, isso amplia os horizontes e modifica as leituras. A forma intensa como você traz o sul, e a emergência do ordenamento da apropriação/violência que só poderá ser enfrentada se situarmos nossa perspectiva epistemológica na experiência social do outro lado da linha, isto é, do Sul global, concebido como a metáfora do sofrimento humano sistêmico e injusto provocado pelo capitalismo global e pelo colonialismo (SANTOS, 2007). A intensidade que transborda nas conversas informações, regadas a sorrisos e encantamentos e, a seriedade e comprometimento nos trabalhos acadêmicos. Um reverberando sobre o outro, atuando e sendo agente da transformação do aprendizado.

Para finalizar essa carta, gostaria de trazer uma frase do seu texto que me encanta: “somos as nossas crenças, temos idéias” (SANTOS, 2007, p. 86). Essa frase surge a partir das considerações que brilhantemente você vai tecendo sobre crença e idéia. Quando li, pensei em possibilidades que nunca havia pensado (ler o que nunca foi escrito). As ideias como exteriores e as crenças como partes de nossa identidade e subjetividade. A partir disso, me pus a refletir nas maneiras como uma interfere na outra, ou até mesmo, na forma como por vezes negamos ideias que nos abririam inúmeros universos intocados em nome de uma crença. Mas também, como podemos ser modificadas/os por essas ideias a ponto de rever ou questionar a presença de uma crença.

Por hoje, encerro essa carta com muito a pensar.

Carinhosamente, Thaís

Americana, 18 de dezembro de 2020

Bom dia,

Precisei me afastar uns dias da escrita de nossas cartas, esses dias que antecedem o final do ano costumam causar grande ansiedade, seja pelo trabalho, pelas aulas do mestrado, pelas leituras ou, até mesmo, nas relações interpessoais. As vezes tenho a sensação que em todos os âmbitos preciso estabelecer uma certa sensação de encerramento. Enfim, seguimos buscando essa sensação.

Pensei em, na carta de hoje, retomar o assunto que foi postergado, sobre as inúmeras questões sobre a educação. Destacando, de antemão, que são questões que suscitam a reflexão, mesmo sabendo que não terão, possivelmente, uma resposta definitiva (a incompletude de uma carta que anseia por respostas). Partirei então, das percepções desencadeadas nesses dias e a relação com educação. Para isso, serei “conduzida” pelo caos.

Desordem é diferente de caos. Caos é o imensurável da possibilidade de conhecimentos. Caos é prévio a ordem e a desordem. Caos seria a mesa, essa mesma que aprendi com você Didi-Huberman (2003), sobre a qual trabalhamos, em que objetos, autores de formação teórica, livros, filmes, correntes de pensamento, entre outros são dispostos sobre uma mesa de trabalho. Esse é o grande atlas. Nesta mesa serão feitas combinações que organizarão a dispersão do pensamento. A ordem é uma configuração possível dentre várias outras. E essas combinações podem ser articuladas por diversos fatores, tais quais, a formação, rede de sociabilidades, inserção cultural, perfil social. Não negando as combinações que trouxeram frustrações. Não negando a sujeira dentro daquela pesquisa. Olha que interessante, em meio a um parágrafo que busquei falar sobre educação, a pesquisa apareceu de forma quase espontânea. Essa ideia da mesa de trabalho, permite a transformação de um quadro de raciocínio fechada em inúmeras possibilidades. Complementarmente a epistemologia desestabilizadora da ecologia de saberes que opera como crítica radical da política do possível. Destaco um trecho do seu texto *Boaventura*, que pode auxiliar nesse momento:

Nesse contexto, a ecologia de saberes é basicamente uma contra epistemologia. O impulso básico para o seu avanço resulta de dois fatores. O primeiro consiste nas novas emergências políticas de povos do outro lado da linha como parceiros da resistência ao capitalismo global: globalização contra-hegemônica (...) O segundo fator é uma proliferação sem precedentes de alternativas, as quais porém não podem ser agrupadas sob a alçada de uma única alternativa global, visto que globalização contra-hegemônica se destaca pela ausência de uma alternativa no singular. A ecologia de saberes procura dar consistência epistemológica ao pensamento pluralista e propositivo (SANTOS, 2007, p. 86-87).

Assim, penso que vocês me ajudam a pensar nas possibilidades do inventar na educação. Inventar a partir do que nunca foi olhado, e porque não dizer, valorizado. A partir da multiplicidade, da diferença e da valorização do que temos de mais inusitado – que muitas vezes nos são próximos desconhecidos. Pensando isso, trago uma nova questão – que auxilia a pensar nas nossas limitações. Qual projeto de País orienta a educação? Temos um país e um projeto político no país, que é orientado pelo ódio ao outro e a vida, e esse – a partir do que acredito como possibilidade educacional – não pode ser nosso guia. Penso que precisamos de uma atuação que



seja ética, que não só ensine o respeito pelo outro (sendo contra o ódio ao outro), mas ela mesma seja um processo de respeito ao outro.

A educação – pensamos nesse momento nas possibilidades escolares - pode ser espaço fecundo para realizar a crítica a um modo de pensar enraizado e massificador. Ao mesmo tempo precisamos estar atentas e atentos para que esse não se transforme na negação da vida, dos desejos e na morte do espírito. Penso que as vivências que acontecem nesse contexto, podem ser vislumbradas como experiência que podem desencadear sensibilidades, que permitam a criação de outras identidades, abrindo caminhos para novos mundos. Talvez, precisemos, como vocês dois trouxeram de maneira muito interessante, pensar em uma forma de educar como um processo, valorizando os momentos, valorizando as nossas distribuições de objetos na mesa de trabalho, fazendo relações possíveis e, por que não, impossíveis. Sendo plurais com a diferença.

Encerro nossa carta por aqui, com muito a pensar. E uma frase que me marcou muito surgiu durante a aula sobre seu livro, Milton. Frase essa que foi desencadeada a partir das reverberações de suas palavras:

Em que momento pensar e falar deixou de ser uma aventura?

Abraços a todos, Thaís

---

Americana, 27 dezembro de 2020

Boa noite,

Hoje escrevo pensando em como busquei, durante as cartas endereçadas a vocês, trabalhar por ressonâncias. Procurei entender o que a leitura dos textos de cada um de vocês produzia em mim, tentando compreender o que posso fazer com tudo isso. Trabalhei a costurada escrita no entre das duas coisas – dos seus textos e aquilo que reverberava dentro de mim. Usei o que aprendi sobre a ideia de mesa de trabalho apresentada na leitura e discussão em aula sobre seu texto, Didi Huberman. Por vezes escrevi com as palavras de vocês, mas não escrevi com vocês, escrevi sobre o meu entendimento de vocês e como esse entendimento me transportou para novos lugares. As cartas surgiram no entre das coisas, na fissura, nos meios da mesa de trabalho. Esse exercício não foi um escrever com organização dos elementos, mas nos espaços disponíveis entre eles. Tentei demonstrar as relações que são/ podem ser produzidas entre vocês, meus autores escolhidos. E nesse conhecimento intuitivo, fiz de tudo para me perder. As considerações desse trabalho em forma de cartas é consequência do processo e não a finalidade. Processo que foi produzido no espaço da subjetividade.

Vocês vão surgindo como palavras, sensações e, por vezes, se transformam em imagens e barulhentos silêncios. Esse texto caminha para o que é a intuição. Procurar o que não foi procurado. Ler o que nunca foi escrito. Isso significa procurar o que ninguém está procurando. Mas também procurar dentro do que todo mundo procura, de uma maneira que ninguém nunca procurou. Com o subterfúgio das cartas, para alguns consideradas piegas, para mim uma simbologia do cuidado com as palavras que são endereçadas a outrem.

Obrigada pela companhia. Obrigada por me bagunçar com suas palavras. Com carinho, Thaís

---

Americana, 08 de janeiro de 2021

Boa noite,

Junto a essa última carta envio a vocês um postal. Nesse postal inseri uma fotografia que tirei em um lugar incrível que visitei no começo do ano de 2020. Esse lugar fez com que eu experimentasse inúmeras alegrias e sensações jamais sentidas. Ainda não sei nomeá-las, talvez nunca saiba. A imagem me transporta a lembranças bonitas, mas também, depois desse trabalho, reflete muito de tudo que foi escrito. Os reflexos, a máquina, a árvore. A máquina que não é só máquina, mas é orgânica com sua terra e sua força. A árvore que não é só árvore, é natureza morta que se refaz na imensidão branca e o reflexo que não é espelho, mas reflete o fora e o dentro. É tudo produzido a partir do contato da imagem, com quem olha, nesse caso, do seu contato com minhas mais íntimas percepções. Percepções que foram modificadas a partir do contato com vocês, meus autores. Aproximação que me transformou. Gostaria que pudessem experimentar sensações inomináveis – tais quais as que me habitam - a partir dessa imagem.

Fiquei pensando nas oscilações enquanto escrevia, oscilações emocionais de 2020. Em como me senti em uma gangorra emocional e, também educacional. Vocês foram companheiros nessa jornada. Me senti muito desafiado nesse na rotina do 2020 – na minha casa, no trabalho, no mestrado, com as/os professoras/es, com estudantes. Reconheço o privilégio de, em um ano como esse, ter conseguido manter meu emprego, estar inserida em um programa de pós-graduação que permite que, durante algumas tarde da semana, conversemos sobre tantos autores, sobre ideias e possibilidades e, também por ter a chance de desenvolver uma pesquisa no mestrado que me movimenta de maneira indescritível.

Pensando que nossas cartas tiveram como pano de fundo a educação, refleti muito em como as/os agentes educacionais tiveram que modificar sua forma de vivenciar as práticas educacionais durante esse período inusitado. Vou retomar uma frase de uma das primeiras cartas, tivemos como educadoras e educadores que ler o que nunca foi escrito. Levamos para dentro de nossas casas as “salas” de aula, cinemas, teatros, bibliotecas, laboratórios e museus, tentando com isso e a partir disso, fazer nossa mesa de trabalho, jogamos nela inseguranças, obras de arte, músicas, filmes, textos, livros, medos, alegrias... e começamos a estabelecer relações que nos levaram a novas reflexões. Partindo de uma ideia – ainda que bem rudimentar – da ecologia dos saberes.

Vocês três me ajudaram a enxergar um mundo de possibilidades. Outros mundos possíveis. Essas cartas foram encaminhadas a vocês, mas para acalmar, dentro de mim, a sensação de desequilíbrio. Não aquele desequilíbrio que movimenta em outras direções e outros espaços possíveis. Mas um desequilíbrio que desestrutura e derruba. Vocês, foram meu ponto imaginário, aquele ponto que olhamos como guia para chegar a algum lugar. Sei bem que nunca chegarei a esse lugar, porque a cada passo que dou, vocês se movimentam um passo para frente. Vocês estão no meu horizonte para que eu nunca deixe de caminhar. Obrigada por essa travessia. Me despeço e agradeço pelas possibilidades surgidas a partir de suas palavras eternizadas em textos e livros e das chaves, que cada um de vocês, mobilizou em mim. Destaco: a mesa de trabalho – suas possibilidades de ligações, de transformação e de caos; a relação do cinema com a Cappella - a capela que não está no cinema e nem

o cinema na capela, mas na relação que foi produzida; a ecologia dos saberes – e a valorizaçãodo sul dada a sua possibilidade de achar outras coisas bonitas.

Todo meu carinho e admiração, Thaís



INHOTIM

BRUMADINHO, MG

Escrevo a ninguém. Escrevo a um alguém que para mim está ausente. Um ausente. Não somos todes alguém de outro alguém e ninguém de tantos outros? Uma imagem, essa imagem. OLHA! O que você vê? O que te olha de volta? Você é reflexo? Será que também não é espelho? Vira esse postal, olha a mensagem, a mensagem está escrita ou é a imagem? É uma ou a outra ou são as duas que ao mesmo tempo são únicas, são um. Um postal. Olha, sinta o cheiro das cores e das palavras. Olha! Sinta! Por quanto tempo você observa aquilo que meus olhos escolheram e minha mão escreveu? Quanto tempo leva até que a última palavra se transforme em som? Em imagem e som. Qual som você observa nessa imagem? Leia a imagem, contemple as palavras. É tudo sobre você. É tudo para você.

**THAÍS**

Rua B, 20 Fazenda Inhotim  
Brumadinho - MG  
35460-000

Com carinho,

Thaís

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. J. D. *Cinema: arte da memória*. Campinas: Autores Associados, 1999.

DIDI-HUBERMAN, G. *Atlas ou a Gaia ciência inquieta*. Lisboa: KKYM+EAUM, 2003.

SANTOS, B. D. S. Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. *Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, 2003.

SANTOS, B. D. S. Para além do pensamento abissal - Das linhas globais a uma ecologia de saberes. *Novos Estudos*, São Paulo, v. 79, p. 71-94, novembro 2007.